

A FLOR

PERIODICO LITTERARIO E POETICO

PROPRIEDADE DE

Manoel Fernandes Machado.

Assignaturas pagas adiantadas. — Por mez: 200 réis.

Publica-se mensalmente. Toda a correspondencia deve ser dirigida á rua de Catumby n. 26 BB.

A FLÔR.

RIO, 5 DE MARÇO DE 1871.

Sahe hoje pela primeira vez á luz este jornal, intitulado—*Flôr*—, para instrucção de debeis intelligencias que querem cultivar-se.

Arduo e espinhoso é este caminho que encetamos trilhal-o; porém conscios de que algum dia poderemos contar no numero d'esses litteratos do nosso paiz.

O nosso romance é d'um joven de debil intelligencia, contando apenas desenove primaveras.

DA REDACÇÃO.

A VICTIMA DO AMOR

ROMANCE POR

MANOEL FERNANDES MACHADO.

I

Em uma casa de elegante apparencia, situada á rua do Engenho-Velho, mora uma familia nobre e rica.

A familia é composta de um homem gordo, estatura regular e já com seus cabellos grisalhos; parece contar oito lustros.

E' este homem abastado negociante, filho de pais que forão ricos. Casára-se com uma senhora de familia rica.

Viera residir para o Engenho-Velho, onde comprára a casa em que habita.

Um anno depois de casado, sua esposa deu á luz uma menina mui elegante.

Cresceu esta criança.

Educarão-a; até que chegou á idade de 13 annos.

Então Francisco, esposo de Amelia, vendo que Rosalina, sua filha, já sabia tudo de que necessitava uma mulher, tirou-a do collegio.

Rosalina é uma mocinha clara, linda como as Virgens de Raphael. Tem uns olhos prontos e formosos. A cutis de seu rosto é fina e macia.

Sua boca mimosa e pequena como um bolão de rosa.

Seu porte airoso e altivo. Seus dentes alvos como a neve.

Emfim é ella um anjo que existe sobre a terra.

A casa onde mora Francisco é um Paraíso: um jardim mui ameno, abundante de odoríferas flôres; um tanque no centro do jardim, onde os patos e outras aves aquaticas se banhão. Ao lado um caramanchão.

Em uma manhã do mez de Abril ao romper da aurora, quando os passaros então seus lédos



52
3090

cantos ao Senhor e o sol com os seus ardentes raios illumina o universo, Rosalina erguendo-se do seu macio leito sahiu ao jardim, para receber o ar livre da manhã. Foi buscar um pequeno regador que tinha, com quem sohia regar as suas plantas, o qual encheu de agua e poz-se a molhar as suas mimosas violetas.

Depois de feito este trabalho, dirigiu-se ao seu quarto, onde estava uma gaiola pendurada na cabeceira de sua cama.

Poz alpiste e agua fresca para o seu adorado canario belga; pois era muito amante de passaros e flôres.

Depois d'isto, dirigio-se ao piano; onde se poz a tocar.

Francisco levantando-se e ouvindo o som do piano, disse para Amelia.

— Estou pasmo, mulher!

— De que, respondeu Amelia.

— De nossa filha! Pois ella não costuma tocar piano pela manhã, e hoje tão cedo já se acha n'elle.

— E' talvez por não ter que fazer que se pozesse a tocar; respondeu Amelia.

Talvez! exclamou Francisco; mas deixemos isso. Vai chamar o Joaquim crioulo, e dize-lhe que venha cá.

Amelia sabindo do quarto dirigio-se para a cosinha, onde estava o tal escravo Joaquim.

Disse-lhe o que seu marido lhe tinha dito.

Quando se tinha retirado da cosinha e vinha passando defronte da sala de visitas, parou e viu que sua filha achava-se recostada sobre a janella, e que olhava attentamente para fóra. Permaneceu assim por algum tempo, até que finalmente disse:

— Oh! Rosalina, não queres vir almoçar?

Rosalina voltou-se e suas faces tornarão-se rubras.

— Já vou, mamãe, respondeu ella.

E fechando a janella, disse consigo.

— Que lindo moço é este guarda-livros de meu pai!

Ah! se elle me amar, quão feliz me julgarei. E deu um prolongado suspiro.

Dirigio-se á sala de jantar, onde já se achavão á mesa seus pais.

Assentando-se: foi servida do almoço

Instantes depois achava-se ella em seu quarto se vestindo.

Deixemol-a ahi por um momento; e vamos saber o que queria Francisco com o seu crioulo Joaquim.

Logo que este chegou ao seu quarto, Francisco lhe disse:

— Vai me apromptar o cavallo, pois tenho que sahir, e leva tambem esta carta ao meu amigo Ramos, morador á rua de * * *.

— Sim, senhor, respondeu o criado.

E sahiu.

Foi logo apromptar o cavallo, e depois encaminhou-se para a casa, indicada por seu amo.

Francisco, após o almoço, montando a cavallo, dirigio-se a cidade.

Foi direito ao seu armazem.

Entrando, encaminhou-se para os fundos da casa, onde havia o escriptorio.

— Bom dia, Sr. Carlos, disse elle:

— Bom dia, Sr. Francisco, respondeu Carlos.

— Sr. Carlos, disse Francisco, tem que me fazer um balancete do que ha.

— Sim, senhor, respondeu Carlos.

— Veja qual é o saldo da caixa.

Carlos pegando no livro caixa disse:

— Duzentos contos de réis.

— Bom; respondeu Francisco.

E sahiu.

— Que diabo quererá meu patrão; dizia Carlos, saber quanto ha em caixa e querer um balancete!

E poz-se a escripturar os livros; pois era guarda-livros da casa de Francisco ha 4 annos.

Francisco sabendo do armazem montou a cavallo, e dirigiu-se para a chacara.

Chegado que foi, o Joaquim crioulo já ali se achava: entregou-lhe uma carta, a qual Francisco abriu-a.

Passou-lhe os olhos... e fechou-a.

— Bom, disse elle.

E entrou em seu quarto.

Deixemol-o ali por algum instante, e vamos saber o que fizera Rosalina na ausencia de seu pai.

Vestiu-se toda de ponto em branco, penteou as suas espessas madeixas e sahiu do quarto.

Encontrou-se logo com sua mãe.

— Mãe, perguntou ella, não vamos hoje á casa do Sr. Ramos?

— Não, minha filha, respondeu Amelia. Talvez que lá vamos na segunda-feira.

— D. Elvira, filha d'elle, está para se casar?

— Esta sim; respondeu Amelia.

— Com quem, mãe? reperguntou Rosalina.

— Com um Barão.

— Mãe sabe o nome d'elle?

— Não.

Rosalina então foi para a sala tocar piano e Amelia entrou no seu quarto.

— Meu marido, disse ella, já fallaste com o Sr. Ramos?

— Mandeilhe uma carta, e respondeu-me que vinha.

— Eu não acho, disse Amelia, o Barão de ***, homem capaz para se casar com a filha do Ramos.

— Porque? interrogou Francisco.

— Ora.... é por ser um homem um pouco grosseiro.

— Qual! mulher; elle é um excellente homem e muito delicado.

N'esse momento appareceu um criado á porta do quarto, dizendo que o jantar estava prompto.

Amelia e Francisco dirigirão-se a sala de jantar e sentarão-se.

— Vai chamar, disse Amelia para uma criada, Rosalina que está na sala de visitas.

A criada foi transmittir o recado.

Rosalina levantando-se do piano, perguntou:

Papai e mamãe já se achão á mesa?

— Já, sim senhora, respondeu a criada.

Rosalina, entrando na sala de jantar, sentou-se.

Findo o jantar foi ella passear pela tempe amena.

Sentou-se debaixo do caramanchão.

N'este momento entrava Carlos pelo portão da chacara.

Vendo Rosalina tão linda, disse de si para si:

— Meu Deus, que anjo! que sylpho! que deidade!

E approximou-se d'ella.

— Minha senhora, bôa tarde.

— Bôa tarde, Sr. Carlos, respondeu Rosalina.

— O Sr. seu pai está em casa?

— Está sim, senhor.

— Queira me dizer se elle já jantou?

— Já, sim senhor, respondeu Rosalina... e accrescentou: mas, porque faz esta pergunta?

— Porque não gosto entrar em uma casa, quando estão comendo.

— Pois póde entrar que elle já jantou, e deve se achar na sala.

— Com licença, respondeu Carlos, volvendo os olhos para ella.

Entrando na sala, viu Francisco sentado em uma cadeira, fumando um charuto.

— Bôa tarde, Sr. Francisco.

— Adeus, respondeu Francisco.

— Aquillo que me mandou fazer já está quasi prompto: posso lhe dar depois d'amanhã.

— Pois bem; respondeu Francisco.

— De hoje em diante venha jantar em minha casa.

— Sim senhor, muito obrigado.

— Saiba também, replicou Francisco, que está convidado para vir ao sarau que eu vou dar no sabbado proximo : dia de meus annos.

— Sim, senhor.

D'ahi a pouco entrava na sala Rosalina que vinha do jardim ; pois já era noite.

Tomou a benção a Francisco ; deu boa noite á Carlos, e sahiu.

Encontrando-se com sua mãe no corredor, tomou-lhe a benção.

Quem está ahi ? perguntou Amelia.

— E' o Sr. Carlos, respondeu Rosalina.

Amelia encaminhou-se para a sala e Rosalina entrou em seu quarto.

D'ahi a duas horas sahia Carlos da casa de Francisco e dirigia-se para a sua.

(Continúa.)

POESIAS.

D * * * .

Como o teu olhar é lindo
Nympha formosa dos Céos !
O teu fallar infindo,
E's anjo dos sonhos meus.

Quando estás á janella
Palpita o meu coração,
Por te ver linda e bella,
E não possuir tua mão.

Meu amor é segredo
Que ninguem póde saber,
De tudo tenho medo,
Mas não te posso esquecer.

M. F. MACHADO.

Acrostico

Iinda flôr do Paraíso
Estrella dos sonhos meus,
Onde estás que não te vejo
Nympha formosa dos Céos.
Oh ! meu anjo de candura
Recebe esta paixão pura.

M. R. DO NASCIMENTO.

A Lourinha

Nunca vi mulher formosa
Tão joven, tão belicosa,
Como esta a que eu adoro ;
Tem uns olhos de encantar
Uns modos de requebrar,
Por isso é que eu a namoro.

Toda ella é bem feitinha,
Delgada, mui direitinha,
Como igual não ha aqui ;
No dizer e no brincar
Tem maneiras d'enfeitar,
Como igual ainda não vi.

Tem os cabellos lourinhos
Tão bastos, tão bonitinhos
Que causão admiração,
No momento em que te vi,
Fiquei perdido por ti
E dei-te o meu coração.

Que, mais queres lindo bem ?
Offertar versos também
E' cousa de utilidade ;
Sim, porque estão gravadas
N'estas linhas mal traçadas,
A nossa eterna amizade.

A. O. MENDES.